

(transcrição)

Roma, 25 de maio de 1970

Rumo à pátria

Hoje, fala-se muito do cristianismo como mensagem social. É bom e justo que se ponha em evidência este seu aspecto. Já que Deus se fez homem, é lógico que Ele esteja interessado em todas as nossas situações. De resto, a vida do Cristo é perfeito exemplo de socialidade.

Mas é necessário lembrar que a mensagem por Ele anunciada é também, e sobretudo, uma mensagem espiritual.

Nós, cristãos, fazemos uma afronta sem tamanho à nossa fé.

Algumas vezes temos a coragem de amar a Deus e aos nossos semelhantes, de ser razoavelmente bons e honestos. Até rezamos com frequência. Enfim, levamos uma vida que, sem dúvida, tem sabor cristão.

Mas há verdades em que pensamos muito pouco ou — sejamos sinceros — quase nunca ou somente quando somos *obrigados*...

De vez em quando, acontece de eu também abrir os olhos - e considero uma verdadeira graça - e tomar consciência de uma verdade tão límpida, que minha mente pode apenas vislumbrar, pois não consegue apreendê-la. É grande demais.

No entanto, ela me acorda, agita, encoraja, faz-me exultar.

*Percebo para onde estou indo.* Lembro que me foi avisado - e creio nisto com todo o meu ser - que, se eu conseguir cumprir os deveres que Deus me confiou, *vou... para o Paraíso.*

O Paraíso!

Refletimos nisso? Temos consciência de que aqui não é o lugar para nos instalarmos cada vez melhor, numa existência o mais possível sem transtornos, mas que cada instante de nossa vida é um novo passo em direção a um outro reino, a uma outra terra, rumo a uma pátria onde possuiremos para sempre a felicidade puríssima e plena, que tanto desejamos?

E como será lá? É melhor não arriscar a falar nisso. Desvirtuaríamos a sua realidade, fantasiando em vão. Será... será... Paraíso !

Hoje, parte da sociedade contesta. Hoje, está em voga arrancar a máscara. Os modelos caem por terra, o que é “pseudo” não se mantém. Há uma desmitificação geral de qualquer coisa ou pessoa até ontem idolatrada.

Reclama-se por autenticidade, por verdade.

E se no decurso da nossa história e da atual geração, deixarmos a Providência de Deus agir, veremos realizar-se o que pensa Boros, escritor do nosso tempo.

Depois de ter feito uma análise aguda e crua, mas realista, do processo do pensamento e das aspirações dos homens de hoje, ele afirma: “O contemporâneo não se pode considerar moderno se não encontrar Cristo” (Boros, 1970, p. 83).

É isso: autenticidade significa verdade e a verdade é Ele, com tudo aquilo que trouxe, com o que ordenou, com o que prometeu e com o *lugar* que está nos preparando no *seu* Reino.

Esta é a realidade.

Mas então, sendo assim, quanta incoerência em nossa vida, que inversão de valores! Nós agimos como se não fosse mais verdade que, quem faz uma longa viagem até seu amado lar, quanto mais se aproxima, mais lhe bate o coração no peito.

Mas, quem tem mais sorte e, conseqüentemente, quem é mais feliz? A criança ou o jovem que têm pela frente a provação muitas vezes longa da vida, com suas alegrias, sim, mas sobretudo com seus pesares infalíveis, ou a pessoa madura e mais ainda a idosa que se aproxima da porta para o abraço pleno

com o Amor, aqui, sempre procurado de modo tão confuso, e lá, face a face, em breve encontrado e eternamente possuído?

Quando os primeiros cabelos brancos começam a aparecer, quando os membros cansados ameaçam não aguentar mais como outrora, quando a idade avança e aumentam os anos, por que tudo isso deixa um senso de melancolia, de tristeza, inclusive em nós, cristãos?

Poderíamos entender se pensássemos nisto como sendo os primeiros sintomas da vida que se esvai.

Mas se não é assim, como de fato não é, já que ainda deve começar a maior aventura para a qual viemos um dia a este planeta, como justificar o nosso modo de agir? Onde foi parar a nossa fé ?

Nossa atitude não se tornou como a do materialista que não crê senão no que toca e vê? “Meu reino *não* é daqui” (*João* 18,36), disse Jesus a Pilatos, justamente para que, inclusive, não temesse que o destronaria aqui na terra.

Oh, não! A morte existe, mas depois há a Vida, a vida plena que não verá o caso.

E se for preciso pagar um pequeno ou até um alto preço para alcançá-la, ela bem que merece! O Pobrezinho de Assis, que via claro, repetia no estilo de sua época: “Tamanho é o bem que sempre espero, que toda dor é o que mais quero” (Francisco de Assis, 1977, p. 1897).

A crisálida é feia quando se transforma, mas depois vira borboleta.

Acontece assim conosco, seres humanos. Quanto mais temos a impressão de que alguma coisa fala de fim e de morte - devemos nos lembrar disso - mais ainda ela anuncia vida.

Essa é a pura verdade.

A ela muitos nos devemos reconverter - penso - para, alegres e felizes, espalhar sensatez e sabedoria no mundo, frutos da experiência.

E mesmo que, próximos do voo e perto do “dia natalício”, não soubéssemos repetir outra coisa senão as palavras de João apóstolo já idoso: “amemo-nos uns aos outros” (cf *1 João* 4,7), teríamos dito bem mais e bem melhor do que todos os grandes discursos de nossa vida, quando juventude e força nos acompanhavam; e teríamos prestado o maior e mais luminoso serviço à humanidade que, estando ainda a caminho, deve esperar.

*Chiara Lubich*